



COMPANHIA DAS LETRAS

CONVÍVIO

DANTE ALIGHIERI nasceu em Florença, em 1265. Sua obra de juventude se destaca pelas composições de aguçada expressão poética, cuja principal compilação narrativa se dá com o livro da *Vida nova*. Por sua atuação política a partir da última década do século XIII, chega ao máximo órgão administrativo municipal (*Priorato*) de sua cidade. Mas, como consequência das divergências ideológicas com a facção dos Guelfos Negros — aliada ao papa Bonifácio VIII —, é condenado ao exílio em 1302. Após esse marco se dá a escrita dos seus tratados, como o *Convívio*, o *De vulgari eloquentia* e a *Monarchia*, além do poema da *Divina comédia*. Por volta do ano de 1318 foi acolhido junto à corte de Ravena, onde morreu em 1321.

EMANUEL FRANÇA DE BRITO nasceu no Rio de Janeiro, em 1981. Formou-se em letras pela Universidade Federal do Paraná, em 2005. Tendo dedicado todo o seu percurso de pesquisa acadêmica à obra de Dante Alighieri, fez mestrado, doutorado e pós-doutorado na Universidade de São Paulo, com períodos na Università per Stranieri di Siena, na Università di Roma “La Sapienza” e na Università degli Studi di Pisa. Desde 2017 é professor de língua e literatura italianas na Universidade Federal Fluminense.

GIORGIO INGLESE nasceu em Roma, em 1956. Pesquisador desde 1984, é professor da Università di Roma “La Sapienza” desde 1998. É membro do comitê diretor do Istituto Storico Italiano per il Medio Evo e da direção de revistas como *La Cultura* e *Bollettino di Italianistica*. Sua atuação como pesquisador já rendeu contribuições significativas nos âmbitos crítico-filológicos e histórico-linguísticos para os estudos de autores como Guido Cavalcanti, Dante Alighieri, Giovanni Boccaccio e Niccolò Maquiavel.

DANTE
ALIGHIERI
Convívio

Tradução, introdução e notas de
EMANUEL FRANÇA DE BRITO

Apresentação de
GIORGIO INGLESE



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Penguin-Companhia das Letras

Copyright da introdução e da tradução © 2019 by

Emanuel França de Brito

Copyright da apresentação © 2019 by Giorgio Inglese

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or

Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with

Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Convívio

PREPARAÇÃO

Silvia Massimini Felix

REVISÃO

Fernando Nuno

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alighieri, Dante, 1265-1321.

Convívio/ Dante Alighieri ; tradução, introdução e notas de Emanuel França de Brito ; [apresentação de Giorgio Inglese]. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

Título original: Convívio.

ISBN 978-85-8285-082-4

1. Filosofia 2. Literatura italiana. I. Brito, Emanuel França de. II. Inglese, Giorgio. III. Título.

18-21147

CDD-195

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia italiana 195

Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB 8/7964

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Apresentação — Giorgio Inglese	7
Introdução — Emanuel França de Brito	19

CONVÍVIO

Tratado I	107
Tratado II	139
Tratado III	185
Tratado IV	242

<i>Agradecimentos do tradutor</i>	347
<i>Notas</i>	349
<i>Lista de edições das obras de Dante consultadas</i>	453
<i>Lista dos códices do Convívio</i>	457
<i>Obras de referência</i>	461
<i>Obra de referência abreviada</i>	471

Apresentação

GIORGIO INGLESE

O protagonista da *Divina comédia* se apresenta aos seus leitores como o poeta de Beatriz (“que do grupo vulgar por ti saíra”),¹ o autor de “novas rimas” a partir de “Damas, que tendes intelecto do amor”² e, portanto, de grandes canções (alegóricas, talvez?) como “Vós que, entendendo, o terço céu moveis”³ e “Amor, que lá na mente me razoa”.⁴ Além disso, é mais do que provável uma alusão direta ao “livrinho” juvenil *Vida nova* no *Purgatório* (“assim foi ele na sua vida nova”).⁵ O poema, mesmo que ainda certamente incompleto, é citado por sua vez na última versão da *Monarquia*, composta em torno do ano de 1317 (“assim como já disse no *Paraíso* da *Comédia*”).⁶ E o mais antigo epitáfio, composto por Giovanni del Virgilio pouco depois de setembro de 1321, menciona como obra do *Theologus Dantes* apenas a *Divina comédia* (“localizou os mortos”), a *Monarquia* (“e das gêmeas espadas determinou o reino”) e as éclogas (“das Piérides [...]”), em

1. Cf. *Inf.* II 105: “ch’uscì per te de la volgare schiera”.

2. Cf. “Donne ch’avete intelletto d’amore” (*Purg.* XXIV 51).

3. Cf. “Voi che ’ntendendo il terzo ciel movete” (*Par.* VIII 37).

4. Cf. “Amor che nella mente mi ragiona” (*Purg.* II 112).

5. Cf. *Purg.* XXX 115: “questi fu tal nella sua vita nova”.

6. Cf. *Mon.* I xii 6: “sicut iam dixi in Paradiso comedie”.

cujas trocas o proto-humanista bolonhês estava pessoalmente envolvido.⁷

Naquele momento, portanto, permanecia imerso na obscuridade o inteiro e evidente conjunto dos tratados em que Dante havia trabalhado entre o verão de 1304 e o inverno de 1308-9: *De vulgari eloquentia* e *Convívio*. Os dois livros jaziam em lugar desconhecido, deixados incompletos e incorretos, em escritas de difícil leitura a partir das quais começaram a circular lentamente em trechos e cópias. É isso que comprova a tradição manuscrita: exígua a do pequeno tratado latino, com apenas um manuscrito do século XIV e dois do início do século XV; tardia, com apenas dois códices também do século XIV entre os quarenta conservados, e, sobretudo, incrivelmente deteriorada em sua lição, a tradição do *Convívio*, cujo arquétipo — segundo a curadora da última edição crítica, F. Agno — requer mais de mil intervenções corretivas! Notícias dos tratados, escassas e imprecisas, revelam-se em uma interpolação (*ante* 1348?) à *Crônica* de Giovanni Villani e no *Pequeno tratado em louvor a Dante* de Giovanni Boccaccio (1351-5).⁸ Em outras palavras, se a redescoberta no século XV dos tratados tem um evidente caráter “filológico”, como reflexo do irresistível sucesso do poema *Divina comédia*, a “desfortuna” no século XIV se dá como uma direta consequência da marginalização à qual o próprio autor condenou uma inteira e vigorosa fase de sua obra.

A questão dos “tempos” é menos complexa no *De vulgari* do que no *Convívio*. Este, como se sabe, sustenta-se sobre um eixo autobiográfico que continua explicitamente a narração da *Vida nova*. Resumindo: cerca de três anos e dois meses depois da morte de Beatriz — ou

7. Os trechos do epitáfio ditam: “*qui loca defunctis [...], gladiis regnumque gemellis/ distribuit [...]*” e “*Pyeriis [...]*”.

8. Cujo título original é *Trattatello in laude di Dante*.

seja, no verão de 1293 —, aos olhos de Dante “apareceu primeiramente acompanhada do Amor” a dama gentil mencionada no fim da *Vida nova* (Cv. II ii 1). Não se tratava, porém, de uma dama de carne e osso (como certamente os leitores do livrinho haviam entendido!), mas da filosofia, da mesma maneira como ela se apresentava na obra-prima consolatória de Boécio e no ciceroniano *Laelius*. Para conviver com ela, o poeta começou a se fazer presente “nas escolas dos religiosos e nas discussões dos filosofantes” (Cv. II xii 7), de modo que no arco de “trinta meses”, ou seja, em fevereiro de 1296, sentiu-se capaz de declarar a vitória do novo amor — ainda que sob figura alegórica — “dizendo”: “Vós que, entendendo, o terço céu moveis”. Nos meses seguintes, o estudo da filosofia, “o amoroso uso da sabedoria”, se fez ainda mais envolvente, “de modo que não apenas acordado, mas também dormindo, a sua luz se dirigia à minha mente”, à mente de Dante. Com o véu figural da primeira canção, exageradamente denso, havia o risco de induzir “muitos” a reprovarem sua “leviandade de ânimo” “ao ouvirem que *ele foi* mudado pelo primeiro amor” (Cv. III i 11). Assim, o poeta decidiu cantar o louvor da nova dama em termos bastante explícitos, e “disse”: “Amor, que lá na mente me razoa”. O leitor moderno não poderia negar que a exorbitância dos louvores faz pensar em uma alegoria originária, não postíça, da composição; exceto pelo fato de a canção incluir uma referência explicativa a outro texto, a balada “Vós que sabeis razoar do amor”,⁹ cuja letra não sugere jamais a busca por um sentido alegórico. A balada retrata uma dama “austera e desdenhosa”, e a canção interpreta esses atributos não como já referidos à sua “verdade”, mas apenas manifestantes dos temores residentes na alma do poeta. Seguido aos versos, o comentário em prosa explica que por uma certa fase dos estudos “essa

9. Cf. “Voi che savete ragionar d’amore”.

Filosofia” apareceu ao seu admirador “austera e desdenhosa” quando ele não entendia bem suas “persuasões” e “demonstrações” (*Cv.* III xv 19).

Apesar do entusiasmo que anima “Amor, que lá na mente me razoa”, as dificuldades do estudo não desapareceram. Pior, o percurso propriamente metafísico-teológico chegou (muito cedo?) a um ponto morto, diante da árdua (ou indissolúvel) questão sobre “se a primeira matéria dos elementos era concebida por Deus” (*Cv.* IV i 8). A “primeira matéria” aristotélica é, de fato, algo de absolutamente indeterminado e eterno; não se compreende, portanto, de que maneira o Deus dos cristãos pode tê-la criado *ex nihilo* sem ter dela um conceito “determinado”, indispensável pressuposto do seu “vir a ser” na realidade natural. Aqui, a capacidade intelectual do homem *in hac vita* deve reconhecer um limite intransponível: de todas “as coisas que superam o nosso intelecto”, isto é, “de Deus, das substâncias separadas e da primeira matéria”, nós homens, vivos neste mundo, apenas “a partir dos seus efeitos [...] podemos ter algum conhecimento” (*Cv.* III viii 15). Nesse ponto, a autobiografia intelectual dantesca registra uma mudança significativa: “me abstive um pouco de admirar o seu aspecto” (ou seja, suspendi a frequência às escolas). Enquanto isso, tendo o amor pela sabedoria, por assim dizer, se exteriorizado em direção à vida social (“Comecei, portanto, a amar os seguidores da verdade e a odiar os seguidores do erro e da falsidade, como ela faz”), o poeta voltou-se à refutação de um *erro* que, aos seus olhos, produzia uma “péssima confusão do mundo”: a falsa ideia corrente sobre a *nobreza*. Desta surgiam “injustas reverências e desprezos, porque bons eram tidos em vil desdém e maus eram honrados e exaltados” (*Cv.* IV i 7). Parece uma alusão bastante clara à experiência pessoal em relação à sua vida político-administrativa de 1295 em diante. Em um ano indeterminado (1298?), Dante publicou a canção “As doces rimas de amor que

eu sabia”¹⁰ para definir a *nobreza* como uma semente do “ser feliz [...] posta por Deus na alma predisposta” (vv. 119-20), reprovando a ideia falsa que a liga à estirpe (v. 113), ou pior, às riquezas, “que vis são por natureza” (v. 51). No contexto florentino daquele tempo, o poeta com isso atingia posições e facções diversas: certamente as reivindicações ao primado por parte das grandes famílias “antigas”, como os Donati, ou enriquecidas, como os Cerchi; mas também a essência da legislação antimagnata, bandeira do “povo”, que em nome do *sangue* excluía das funções um homem bom, apenas por ser “magnata”, enquanto admitia um homem péssimo, desde que inscrito nas Artes. “As doces rimas” não é uma canção alegórica, mas explicitamente didática; o comentário que dela oferece o quarto tratado do *Convívio*, em total respeito ao núcleo ideal originário, abre-se a desenvolvimentos de excepcional empenho.

Como vimos, a linha autobiográfica do tratado vai de 1293 até um ou dois anos depois de 1296. A redação do *Convívio* ocupa os anos entre 1304 e 1308-9. Entre esses dois “tempos” se desenrola o primeiro período do comprometimento “civil” dantesco: a participação nos conselhos municipais (a partir de 1295); a luta contra a ação invasiva do papa Bonifácio VIII nos assuntos da Toscana (1301); a intimação e a condenação à morte por parte da senhoria “negra” instalada em Florença pelo “pacificador” pontifício Carlos de Valois (1302); e a consequente adesão ao exílio da parte “branca” (1302-4). O compromisso militante se concluiu com a separação dos “brancos”, pouco antes da sua derrota militar junto aos muros de Florença (21 de julho de 1304; cf. *Par.* xvii 65-6). Os escassos indícios disponíveis sugerem que Dante encontrou proteção e refúgio junto a senhores iluminados, capazes de apreciar o poeta intelectualmente apesar da cor

10. Cf. “Le dolci rime d’amor ch’i’ solia”.

de sua recente aventura partidária: talvez Gherardo de Camino, em Treviso; certamente um Malaspina, identificável em Moroello de Giovagallo. É sobretudo ao período transcorrido na região da Lunigiana (1306-8?) que o *Convívio* parece estar conectado.

De fato, é assim que o autor se descreve: “Depois de ter sido do agrado dos cidadãos da mais bela e famosa filha de Roma, Florença, me jogar para fora do seu doce seio — no qual nasci e fui nutrido até o ápice da minha vida e no qual, *com a sua boa paz*, desejo de todo o coração repousar o ânimo cansado e terminar o tempo que me é dado —, fui por quase todas as partes em que essa língua [o *volgare* italiano] se estende, peregrino, quase mendigando [...]” (*Cv.* I iii 4). O tom é próximo ao da canção “Três damas em torno ao cor me chegaram”, que culmina num pedido de perdão (“quarto do perdão o sábio não cerra,/ pois perdoar é bem vencer a guerra”)¹¹ e, por muitas razões, pode ter sido composta justamente no período de estadia junto aos Malaspina. Foi um tempo de trégua e de recolhimento, pelo qual o poeta agradeceu aos hóspedes no oitavo canto do *Purgatório* (vv. 133-9). E foi a ocasião para uma profunda meditação sobre os estudos filosóficos do passado, na forma de comentário prosaico às canções citadas.

Foi natural recuperar o fio do discurso a partir do ponto em que tinha se interrompido, isto é, da questão *de nobilitate*. Mas o discurso foi reorganizado desde a raiz. Lembremos como a linha doutrinária que se reconhece na então “fervida e apaixonada” *Vida nova* atingia a célebre tese guinizzelliana, assim reelaborada: “Amor e o cor gentil são só uma coisa,/ como o sábio coloca em seu ditado [...] Os faz Natureza quando amorosa: / Amor como se-

11. Cf. “Tre donne intorno al cor mi son venute”, vv. 106-7: “camera di perdon savio om non serra,/ che perdonare è bel vincer di guerra”.

nhor e o cor, a casa [...]”.¹² Eis o nexo a ser aprofundado e radicalizado: o que é “gentileza”? O que é “amor”? O que é “Natureza”?

Desde “As doces rimas” a gentileza, ou nobreza, é definida como um benefício do Criador. Mas no *Convívio* a qualidade propriamente humana é reconduzida a um significado estrutural: “nobreza se refere à perfeição da natureza de todas as coisas” (*Cv.* IV xvi 8). No homem, portanto, essa poderia ser definida como o princípio, a tendência às virtudes e ao conhecimento conferida por Deus a uma alma; e se identifica, em termos aristotélicos, com o intelecto possível (*Cv.* IV xxi 5), e, em termos teológicos, com o complexo dos Dons do Espírito Santo (*Cv.* IV xxi 11-12). É a *semente* de onde germina “o apetite do ânimo, que em grego é chamado de *hormén*” (*Cv.* IV xxi 13). Apoiada pelos bons hábitos, tal semente frutifica na doçura “da felicidade humana”, cujo grau supremo está no “uso meditativo” do intelecto, no “considerar as obras de Deus e da natureza” (*Cv.* IV xxii 11) — ou seja: no contemplar diretamente as obras do Criador e aquelas que ele realiza através das inteligências motrizes e dos céus. A isso chegaria o quarto tratado se não fosse completa a coincidência com o princípio do primeiro:

Assim como diz o Filósofo no início da Primeira Filosofia, todos os homens por natureza desejam saber. A razão de que assim seja pode ser, e é, porque todas as coisas movidas pela providência da primeira natureza tendem à sua própria perfeição; desse modo, uma vez que a ciência é a última perfeição da nossa alma, na qual está a nossa última felicidade, estamos todos sujeitos, por natureza, a desejá-la.

12. Cf. VN xx 3-4: “Amore e ’l cor gentil sono una cosa,/ sì come il saggio in su’ dittare pone [...] Falli Natura quand’è amorosa:/ Amor per sire e ’l cor per sua magione [...]”.

É possível entender bem que, dentro dessa situação estrutural, *amor* e *gentileza* seriam realmente *uma só coisa*. Se *gentileza* é o princípio ativo, ou “causa final”, da perfeição de um ente, a palavra “amor” também designa a tensão de uma coisa com sua própria realização ontológica:

todas as coisas têm o seu *amor específico*. Pois os elementos simples têm amor inato ao lugar que lhes é próprio [...]. Os primeiros elementos compostos, como os minerais, têm amor ao lugar onde foi determinada a sua geração, no qual crescem e do qual recebem vigor e potência [...]. As plantas [...] têm muito claramente amor a determinado lugar, de acordo com o que a sua compleição requer [...]. Os animais irracionais têm claramente amor não apenas aos lugares, mas os vemos amarem-se também uns aos outros. O amor característico dos homens é pelas coisas perfeitas e honestas [...]. Pela [sua] última natureza — isto é, a verdadeiramente humana, ou, melhor dizendo, angélica ou racional — *o homem tem amor pela verdade e pela virtude* (Cv. III iii 2-11).

O amor entre homem e mulher pode ser um ato da alma sensitiva, e por isso uma pessoa ama “de acordo com a impressão sensível, como os bichos”; ou então, pode se inserir no *amor pela verdade*, quando se ama, na criatura, o Criador em comum. Dante está certo de que tal foi o seu amor pela “bendita Beatriz, que vive no céu com os anjos e na terra com a *sua* alma” (Cv. II ii 1); e bem por isso não “derroga” ao amor por aquela criatura, se agora se dedica à filosofia, a qual “não é senão amizade à sabedoria” (Cv. III xi 6) e “a mais bela e a mais honrada filha do Imperador do universo” (Cv. II xv 12).

A *semente* da virtude não seria, portanto, uma coisa diferente do impulso à perfeição da qual a Providência dotou a *própria natureza* de cada ser e, por isso, do in-

telecto possível de cada homem. Mas, desde as primeiras frases do *Convívio*, Dante encara também o tema da *diferença* entre os homens, em relação direta ao seu efetivo alcance da *perfeição*. Imediatamente depois de ter solenemente reproposto a máxima que abre a *Metafísica* aristotélica, o *Convívio* enumera quatro causas que impedem “a última perfeição da nossa alma”: o defeito físico (surdez e similares); a malícia; os cuidados familiares e civis; e a carência do lugar (dificuldade logística). É evidente que apenas a primeira causa é completamente “desculpável”, pois totalmente independente do livre querer do homem. Nos outros três casos, o impedimento será moralmente desculpável ou não, mas permanece fora de discussão que as almas “impedidas” tinham ou têm o potencial de atingir a virtude e o conhecimento, ainda que de maneira diversa. No quarto tratado, o tema da “diferença” ressoa em um tom muito diverso. O destaque dado ao fato de que a qualidade da *semente* depende em última análise da graça de Deus chega à explícita declaração de que em alguns (em muitos?) homens tal semente *não é colocada*; e que, por outro lado, aquele que não possui desde o nascimento a semente da nobreza pode providenciá-la através de um enxerto:

por muita correção no cultivo onde, *em princípio*, não havia caído uma boa semente, tal doçura *pode* ser inserida no seu desenvolvimento, chegando-se ao fruto mencionado; isso se dá como ao se enxertar uma planta sobre a raiz de outra natureza. Por isso, não há ninguém que possa ser desculpado, porque se um homem não traz essa semente da sua raiz natural, pode por bem adquiri-la através de um enxerto (*Cv.* IV xxii 12).

O que aconteceu? A estrutura aristotélica leva a concluir que, embora em medida diversa, em todos os homens há um princípio de *gentileza*, assim como todos os

homens são dotados de intelecto. Mas, desse modo, se anula a gentileza como qualidade distintiva em si, e por si só, de um homem em relação a outro. Para manter a discussão, Dante precisa reforçar o momento eleitor da graça divina, chegando *quase* a dizer que a semente da nobreza é colocada por Deus apenas na alma em que “devido à pureza [...] a virtude intelectual [é] suficientemente pura e livre de qualquer sombra corporal” (*Cv.* IV xxi 8). Mas isso geraria outra inaceitável conclusão: que alguns homens são excluídos da virtude e do conhecimento *ab origine*, e não por culpa deles. Por isso, Dante concede aos não privilegiados a possibilidade de providenciar a nobreza não *ex semine*, e sim por enxerto, sem se dar conta (ou se dando conta?) de que dessa maneira concede ao homem (e, ainda por cima, ao homem menos dotado) a substituição da obra pessoal com a obra divina.

Diante de tal aporia, não espanta que o projeto original — o comentário a catorze canções feitas “tanto de amor quanto de virtude” (mas, acredito, todas de “retidão”, segundo a definição sugerida pelo *De vulgari*) — perdesse a atração, quase restringindo o eventual conteúdo a uma réplica do engenhoso catálogo de virtudes, ordenadas de acordo com a idade do homem, que ocupa os capítulos xxiii-xxx do IV tratado.

Contudo, outro assuntourgia na mente do poeta. Tinha se afirmado, como digressão no comentário a “As doces rimas”, o tema da autoridade imperial: segundo uma perspectiva filosófica muito pessoal, apenas parcialmente antecipada nos documentos da propaganda pró-suábica, Dante tinha descoberto em um possível desenvolvimento da *Política* aristotélica a “necessidade” da monarquia universal; e, na exegese da história sacra, a vontade divina de que tal monarquia fosse confiada ao povo romano (*Cv.* IV iv-v). Depois da morte de “Frederico da Suábia”, os eleitos “Rodolfo, Adolfo e Alberto” não tinham se dedicado a cingir a coroa imperial (*Cv.* IV iii 6). O mundo

estava, então, sem um guia: “discórdias e guerras *surgiam* entre os reinos, as quais são tormentos para as cidades; e pelas cidades, às vizinhanças; pelas vizinhanças, às casas; e pelas casas, aos homens, impedindo, assim, a felicidade” (Cv. IV iv 3). A humanidade seguia incerta, em um penoso aguardar: “bons eram tidos em vil desdém e maus eram honrados e exaltados” (Cv. IV i 7).

Alberto de Habsburgo morreu em 10 de maio de 1308; em 27 de novembro foi eleito Henrique de Luxemburgo. Quando recebeu a notícia, Dante viu se abrir uma nova esperança para o gênero humano, além de uma nova tarefa para si e para todos os “amigos da verdade”.

Introdução

EMANUEL FRANÇA DE BRITO

DANTE E O CONVÍVIO

Muito do que se assume em relação à biografia de Dante é baseado naquilo que o próprio autor registrou em sua obra, ainda que seja necessário decifrar alguns dados não tão evidentes dispersos em seus escritos. Reunindo informações, por exemplo, de passos da *Vida nova* e do *Purgatório*, aliados aos do *Inferno* e do *Convívio*,¹ é possível estabelecer o nascimento de Dante no ano de 1265, levando a crer que em 1300, início da viagem pelos reinos dos mortos narrada na *Divina comédia*, o poeta tivesse 35 anos de idade, o *mezzo del cammin* de nossa vida. Diversos outros indícios biográficos são apresentados em seus textos, principalmente em relação aos momentos vividos durante a composição dessas obras, no que diz respeito tanto aos versos como aos tratados e às cartas. Mas, para uma boa compreensão da maior parte desses fatos, é necessário acolher a palavra de antigos biógrafos, uma vez que nem sempre é fácil montar o quebra-cabeça com os dados encontrados. Isso obviamente também acontece em relação à data da morte do autor, para a qual tanto Gio-

1. Cf. VN II 2, XXIX 1, *Purg.* XXX 124-5, *Inf.* XXI 112-4 e *Cv* IV xxiii 10.

vanni Boccaccio como Giovanni Villani e Leonardo Bruni, seus principais biógrafos antigos,² são unânimes em dizer que se deu em 1321, aos 56 anos da vida de Dante.

Para os dados essenciais, considere-se, portanto, a cronologia biográfica sintetizada por Chiavacci Leonardi:

[1265] Dante nasce em Florença, sob a constelação de Gêmeos (entre 21 de maio e 20 de junho, o dia exato é desconhecido), primogênito de Alighiero de Bellincione dos Alighieri e de Bella, talvez filha de Durante dos Albizi, no bairro de Porta São Pedro. O nome de batismo foi provavelmente Durante. Sua família era de parte guelfa, da pequena nobreza florentina, de modestas condições sociais e econômicas. No entanto, Dante seguiu cursos de estudos regulares, além de frequentar ambientes intelectuais e as melhores famílias da cidade, como os jovens da boa sociedade, que não tinham necessidade de trabalhar.

[1285(?)] Casa-se com Gemma de Manetto Donati, de quem terá quatro filhos: Giovanni (cuja única documentação é dúbia), Pietro, Jacopo e Antonia.

[1321, setembro (13, 14?)] Dante morre em Ravena. As honras fúnebres foram celebradas com grande solenidade por vontade de Guido Novello, e o corpo foi sepultado junto ao convento de São Francisco.³

Sobre os registros de sua linhagem familiar, a única menção a um antepassado dos Alighieri pelos versos do próprio Dante é feita nos cantos centrais do *Paraíso*. Nestes, o personagem principal é Cacciaguida, antigo cruzado que no século XII havia combatido em nome da fé cristã,

2. Cf. Boccaccio, *Trattatello in laude di Dante* (ed. Ricci, p. 596); Villani, *Nuova Cronica*, x 136 (ed. Porta, p. 335, v. 2); Bruni, *Vita di Dante*, XIV.

3. Cf. Chiavacci Leonardi, *Intr. Par.* 1994, pp. XXXVII-XLIII.

legando ao poeta um título da antiga nobreza florentina. Mas, ainda que os Alighieri possam ter pertencido a uma pequena aristocracia desprovida de grandes posses, isso não impediu que o primogênito Durante (Dante) tivesse recebido uma completa educação letrada. Petrocchi, com base em outro passo do *Convívio*, indica três fases em sua formação intelectual:⁴ a primeira seria a retórico-gramatical (1275-86[?]), que compreende os estudos da adolescência até aqueles realizados no período em que o notário e mestre de retórica Brunetto Latini se encontrava em Florença; a segunda, a fase filosófico-literária (1287-90), compreenderia o período de amizade com o também poeta Guido Cavalcanti, a permanência em Bolonha e a atividade poética até as composições subsequentes à morte de sua musa Beatriz, a “dama de virtude”, “beata e bela” que seria depois imortalizada como a guia espiritual pelos céus do *Paraíso*; a terceira, a fase filosófico-teológica (1291-94/5[?]), o período de contato com as escolas religiosas de franciscanos e dominicanos.⁵

Logo cedo, Dante se sobressai na “arte de dizer palavras em rima”, talento exercitado desde sua primeira juventude.⁶ Inúmeras são as linhas de sua autoria transmitidas ao longo dos séculos, além daquelas que a ele são atribuíveis pelo grande valor poético e coincidência de estilo. Da primeira fase de sua poesia, têm-se os mais de 3 mil versos de *Il fiore*,⁷ obra intimamente ligada ao poema francês

4. Cf. *Cv* II xii 7. Petrocchi, 2004, p. 31.

5. Note-se que Barbi (cf. 1964, pp. 87-97) entende a *Vida nova* como obra composta entre 1292-3; e De Robertis (1984, pp. 10-1), entre 1293-4.

6. Cf. *VN* III 9.

7. Ainda de autoria discutida, *Il fiore* tem entre seus maiores defensores como obra dantesca o filólogo e crítico Gianfranco Contini. Este, além de analisar a ocorrência das rimas em toda a poesia de Dante, se baseia sobretudo em elementos semânti-